

JORNAL: Jornal do Brasil (Artes Plásticas)
DATA: 03-07-73
LOCAL: Rio de Janeiro-GB
TÍTULO: Considerações em Torno do Desenho
AUTOR: Walmir Ayala

CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO DESENHO

A Galeria do IBEU, em boa hora, expôs, sob a coordenação do crítico Antônio Bento, uma coleção de desenhos do acervo de Gilberto Chateaubriand. Esta mostra suscita considerações em torno do fenômeno do desenho, de repente posto em questão nos salões, exposições e na apetência dos bons colecionadores. Não se pode estranhar que o desenho tenha passado por períodos de ostracismo se considerarmos, por exemplo, que o regulamento do Salão Nacional de Arte Moderna coloca o desenho de cambulhada com outras categorias, num segundo plano em relação à pintura. Sendo vejamos: o dito Salão tem um prêmio para pintura (Viagem ao Exterior) e outro prêmio igual para as outras categorias (desenho, escultura, gravura e arte decorativa). O prêmio tem a mesma importância, o espaço em que se move é que é acanhado e denuncia a visão antiquada dos criadores do Salão. Era o tempo da pintura absoluta e dos outros hábitos criadores de menos importância, entre eles o desenho. Ora, isto é conceito puramente tupiniquim, pois os museus do mundo estão provando a vigência absoluta e permanente do desenho, em quase todos os períodos da história da arte. Basta que atentemos para as primeiras manifestações pictóricas, nas paredes das cavernas pré-históricas, nitidamente gráficas. Voltando ao Brasil, vimos o fastígio da pintura. Vimos seu declínio. Vimos o surgimento do objeto sufocando a escultura e a própria pintura. Vimos a geometrização e o informalismo. Vimos a volta ao figurativismo. Mas evidentemente um esvaziamento do interesse do artista novo em relação à pintura, com raras e honrosas exceções.

Por outro lado a gravura cresceu, esgotou amplidões de excelência técnica, viu-se desamparada de locais de trabalho. Finalmente empalideceu, com valiosas arrancadas de novos artifices que pesqui-

sam novos materiais e outros rumos de comportamento no âmbito desta categoria que já fez o nome do Brasil no exterior. Enquanto isso o desenho era timidamente praticado, por ter pouco valor junto a um mercado que cresce em cifra mas se amesquinha em visão, e por ser tão difícil de realizar quanto o mais elaborado quadro renascentista. Falo no bom desenho, é claro. De repente este desenho sufocado começou a brotar, como voz inevitável. Nos salões, nas exposições, na mão de artistas pintores que se voltavam para este exercício que retoma o lápis e o papel, num reencontro natural e elementar com os instrumentos básicos de registro visual. No desenho está o atavismo do lápis de cor da infância, dos riscos nas paredes, dos desabafos murais. Atribua a esta simplificação de alma a volta ao desenho, cujo rigor técnico é um desafio dos mais esplêndidos para jovens e veteranos. Tivemos também a presença de **Ivan Serpa**, mestre sobretudo de desenho, e de cujas mãos libérrimas e exigentes surgiram novos valores de espantosa qualidade. Há também, nesta volta ao desenho, um sintoma da mais nítida revelação: ela coincide com uma volta à arte mental, como se os artistas depois de terem atingido o cume da pirâmide, tivessem se preocupado com a estrutura de sua planta básica. A pirâmide, no caso, pode simbolizar uma construção qualquer, como um mapa, um caligrama, um enigma arqueológico, um sonho, uma comunicação do instinto e do irracional, onde dormem todas as chaves do tempo. Há bom desenho por todos os cantos do país. O que ficava na gaveta ou nas mãos dos mais refinados, começa a brotar como uma carta poética para todos os homens, com a candura e fatalidade de uma revelação. É isto que nos apraz anotar, num momento de ameaça computatória e outras castrações artísticas.

JORNAL: Jornal do Brasil (Artes Plásticas)
DATA: 03-07-73
LOCAL: Rio de Janeiro-GB
TÍTULO: Considerações em Torno do Desenho
AUTOR: Walmir Ayala

CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO DESENHO

A Galeria do IBEU, em boa hora, expôs, sob a coordenação do crítico Antônio Bento, uma coleção de desenhos do acaervo de Gilberto Chateaubriand. Esta mostra suscita considerações em torno do fenômeno do desenho, de repente posto em questão nos salões, exposições e na apetência dos bons colecionadores. Não se pode estranhar que o desenho tenha passado por períodos de ostracismo se considerarmos, por exemplo, que o regulamento do Salão Nacional de Arte Moderna coloca o desenho de cambulhada com outras categorias, num segundo plano em relação à pintura. Sendo vejamos: o dito Salão tem um prêmio para pintura (Viagem ao Exterior) e outro prêmio igual para as outras categorias (desenho, escultura, gravura e arte decorativa). O prêmio tem a mesma importância, o espaço em que se move é que é acanhado e denuncia a visão antiquada dos criadores do Salão. Era o tempo da pintura absoluta e dos outros hábitos criadores de menos importância, entre eles o desenho. Ora, isto é conceito puramente tupiniquim, pois os museus do mundo estão provando a vigência absoluta e permanente do desenho, em quase todos os períodos da história da arte. Basta que atentemos para as primeiras manifestações pictóricas, nas paredes das cavernas pré-históricas, nitidamente gráficas. Voltando ao Brasil, vimos o fastígio da pintura. Vimos seu declínio. Vimos o surgimento do objeto sufocando a escultura e a própria pintura. Vimos a geometrização e o informalismo. Vimos a volta ao figurativismo. Mas evidentemente um esvaziamento do interesse do artista novo em relação à pintura, com raras e honrosas exceções.

Por outro lado a gravura cresceu, esgotou amplidões de excelência técnica, viu-se desamparada de locais de trabalho. Finalmente empalideceu, com valiosas arrancadas de novos artifices que pesqui-

sam novos materiais e outros rumos de comportamento no âmbito desta categoria que já fez o nome do Brasil no exterior. Enquanto isso o desenho era timidamente praticado, por ter pouco valor junto a um mercado que cresce em cifra mas se amesquinha em visão, e por ser tão difícil de realizar quanto o mais elaborado quadro renascentista. Falo no bom desenho, é claro. De repente este desenho sufocado começou a brotar, como voz inevitável. Nos salões, nas exposições, na mão de artistas pintores que se voltavam para este exercício que retoma o lápis e o papel, num reencontro natural e elementar com os instrumentos básicos de registro visual. No desenho está o atavismo do lápis de cor da infância, dos riscos nas paredes, dos desabafos murais. Atribua a esta simplificação de alma a volta ao desenho, cujo rigor técnico é um desafio dos mais esplêndidos para jovens e veteranos. Tivemos também a presença de **Ivan Serpa**, mestre sobretudo de desenho, e de cujas mãos libérrimas e exigentes surgiram novos valores de espantosa qualidade. Há também, nesta volta ao desenho, um sintoma da mais nítida revelação: ela coincide com uma volta à arte mental, como se os artistas depois de terem atingido o cume da pirâmide, tivessem se preocupado com a estrutura de sua planta básica. A pirâmide, no caso, pode simbolizar uma construção qualquer, como um mapa, um caligrama, um enigma arqueológico, um sonho, uma comunicação do instinto e do irracional, onde dormem todas as chaves do tempo. Há bom desenho por todos os cantos do país. O que ficava na gaveta ou nas mãos dos mais refinados, começa a brotar como uma carta poética para todos os homens, com a candura e fatalidade de uma revelação. É isto que nos apraz anotar, num momento de ameaça computatória e outras castrações artísticas.